Mal-estar e polifonia em *Ensaio sobre a cegueira*: Desassossego a partir de Saramago e Pessoa

Ana Clara Magalhães de Medeiros[1]
Cleyton Andrade[2]
Maria de Fátima Costa e Silva[3]
Larissa Tenório Guedes de Almeida[4]

Resumo: No centenário de José Saramago, este estudo focaliza o *Ensaio sobre a cegueira* (1995), observando, no romance, a presença decisiva de dois aspectos ético-estéticos: o mal-estar e a polifonia. O primeiro conceito desenvolve-se em nosso pensamento a partir das formulações de Freud (2016 e 2020), enquanto a polifonia desponta pelas considerações de Bakhtin (2011 e 2018). Nosso intuito principal é evidenciar um mundo (literário, mas também histórico e atualíssimo) de desassossego — entendimento a que chegamos também com amparo de Fernando Pessoa, autor múltiplo do *Livro do desassossego* (1982).

Palavras-chave: Saramago, *Ensaio sobre a cegueira, Livro do desassossego*, polifonia, mal-estar.

No centenário de nascimento de José Saramago, celebrado em 2022, voltamos nosso olhar para o *Ensaio sobre a cegueira* (1995). Nossa investida se dá à luz do conceito-experiência de *desassossego*, tomado aqui a partir das contribuições críticas do próprio autor-Nobel, mas também da produção literária de Fernando Pes-

1. Docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/PPGLL/UFAL), ana.medeiros@fale.ufal.br

2. Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/PPGP/ PPGLL/UFAL), cleyton.andrade@ip.ufal.br

3. Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), literatura.fatima@gmail.com

4. Graduanda em Letras-Português na Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL), tenoriolarissa@gmail.com

soa e de alguns ensaios de Sigmund Freud. No romance, desponta uma peste na forma de cegueira branca, contagiando todas as pessoas da trama — se já não estamos todos também contaminados.

Percorreremos as páginas de *Ensaio* com visada que conecte a noção de desassossego (saramaguiana e pessoana), a experiência de mal-estar (a partir de Freud) e a perspectiva polifônica de estudo do romance (conforme teorização de Mikhail Bakhtin). Na obra, a cegueira leitosa se impôs na sociedade (ficcional) não como uma sentença de morte abrupta, mas como condição de desassossego, na teia de mal-estar na cultura onde também nós nos encontramos abatidos. Disse-nos Saramago que «eu vivo desassossegado, escrevo para desassossegar» (Saramago, 2010: 147). Seguindo-se tal proposta, indicamos que partes dos resultados da pesquisa aqui apresentada já foram sistematizados e publicados em artigo no Brasil, no volume 23 da Revista *Diadorim*, no ano de 2021, com o seguinte título: «Mal-estar e desassossego no ensaio sobre a cegueira: prosa polifônica entre Pessoa e Saramago» (Medeiros; Costa e Silva; Almeida, 2021). Entretanto, na publicação brasileira em revista eletrônica, focalizou-se especificamente a relação entre o *Ensaio sobre a cegueira* e a pandemia da COVID-19. Já para o presente capítulo, partes substanciais da pesquisa foram repensadas e a discussão ganhou fôlego por campo diverso, priorizando-se, aqui, uma reflexão de ordem ética e política, suscitada pelo romance saramaguiano em suas relações com o desassossego a partir das contribuições emanadas da psicanálise. Tanto a publicação pregressa, na revista *Diadorim*, como esta integram um conjunto de projetos de pesquisa sistematicamente desenvolvidos a respeito da condição de desassossego em Saramago e Pessoa, desde uma perspectiva polifônica (a partir de Mikhail Bakhtin).[5]

Advertimos que o manicômio repleto de acometidos pela cegueira branca não representa o transtorno de uma sociedade adoecida e combalida. É a verdade do modo de operação do poder de Estado em uma sociedade, qualquer, contemporânea. O manicômio de Saramago não é fantástico. É o campo de concentração (Agamben, 2015). Poderia ser Auschwitz. Bem como as nossas periferias, favelas, comunidades ou grotas brasileiras; ou como as ruas de Lisboa tomadas por estrangeiros (africanos, latinos, asiáticos) lançados em condições de trabalho e moradia precárias, aviltados pela xenofobia. A metáfora do romance, que já está perto de

5. O presente trabalho resulta de estudos e sistematizações críticas desenvolvidas coletivamente em pelo menos três projetos de pesquisa coordenados por uma das autoras deste texto, Ana Clara Magalhães de Medeiros, todos projetos financiados por agências brasileiras de fomento à pesquisa, a saber: «Inacabamento e mal-estar n'Os Livros do Desassossego: a prosa-poética pessoana em perspectiva polifônica» (CNPq/PIBIC/UFAL, 2021-2022); «Bakhtin, crítico literário do breve século XX: por uma teoria polifônica da literatura» (CNPq/PQ, 2022-2024); «O desassossego a partir de Pessoa e Saramago em perspectiva polifônica: leitura, difusão e investigação da literatura portuguesa na Universidade Federal de Alagoas» (FAPEAL, 2022).

completar seus trinta anos, expõe em carne viva cor de leite o cerne de qualquer sociedade atual. O manicômio da cegueira branca não está além muros — ele nos rodeia, fazendo-nos *história de seu cerco*. Somos seus habitantes. Não o vemos por causa dessa nata irremovível de nossos olhos. A ruptura com a ordem do Estado, que rege o pretenso mundo de bem-estar social, revela-se muito cedo na narrativa saramaguiana. A começar pela ausência de nomes próprios, pois as personagens são referenciadas na obra por um aspecto que as distingue socialmente no corpo do romance: a mulher do médico, o médico, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico, o cão das lágrimas, para citar alguns exemplos.

Entretanto, a leitura do texto parece engendrar uma pergunta ética: o que cada uma das personagens perdeu? A visão? Provavelmente não… Pode ser que já não a possuíssem de um modo ou de outro. O melhor exemplo disso, talvez paradigmático, é o da mulher do médico. Ela perdeu sem ter perdido a visão. Esse é o ponto que põe em derrocada a ideia inicial de que a perda central narrada no romance seria a da visão (no sentido oftalmológico). O que a cegueira branca produziu foi uma perda mais radical, mais essencial do que a perda da capacidade de ver. Essa perda também acomete a mulher do médico. Ter um olho em terra de cegos, em absolutamente nada implica que esse olho seja a visão das pupilas, retinas. Não à toa os exames do primeiro cego não apontaram qualquer lesão clínica. Não se trata da função ótica do globo ocular. Sendo assim, não reside nisso a cegueira, tampouco é por esse aspecto que se instaura a diferença da mulher do médico. Se ela tem algo a mais, enquanto personagem ética do romance, isso deve ser buscado em outro lugar, em outros parâmetros.

A cegueira branca fez com que cada um perdesse aquilo que o campo de concentração, o poder do Estado, a melancolização (Butler, 2017) da existência, visavam extirpar: uma vida a ser vivida, mesmo que em busca de sentido. Uma vida política, uma vida com suas próprias formas de existir possíveis. Fosse algo bom ou não, isso pouco importa. Ladrão, rapariga, estrábico, médico, mulher, taxista, não eram meros papéis sociais. Era algo que tornava cada um reconhecível para si e para os outros.

Médico, mulher de médico, rapariga, ladrão… Esses significantes não apontam para a mera ausência do nome próprio, são antes um nome próprio daquilo que lhes fora tirado. Os nomes mantidos de modo brilhante por Saramago eram nomes daqueles traços rasurados em papel velho, daquilo que já foram. Eram os nomes daquilo que testemunhava o modo de cada um lidar com o mal-estar. Os nomes mantidos, mulher do médico, rapariga dos óculos escuros etc., mais do que os nomes de batismo, eram os nomes próprios do modo particular de se lidar com o mal-estar — epítetos que, ali, já não mais valiam tanto. O nome do mal-estar foi mantido por Saramago para evidenciar que algo talvez ainda restasse como aceno, mesmo que opaco, daquilo que de fato se perdeu definitivamente.

As primeiras dezenas de cegos anônimos foram trancafiadas pelas autoridades em espaço que antes havia servido de manicômio, vigiadas por autoridades armadas e truculentas. Os soldados e as armas que guardam o manicômio da cegueira branca dão uma falsa impressão de exercício da plena força do poder do Estado. Contudo, essas armas apontam (com seus disparos descontrolados que matam) para o exercício em jogo, que é apenas a somatória de acordos tácitos de discursos e imagens, performances e semblantes, uma vez que estes mesmos disparos dizem mais do pavor dos soldados do que de sua força. Ou seja, essa força não testemunha um poder, mas sua fragilidade. O poder do Estado não vem da exibição de força vinda de fora, no seu aparato repressor. Ele se organiza e se institui no cerne das regras bizarras repetidas lá, nos alto falantes; e aqui, na nossa vida cotidiana das prescrições de uma vida saudável, comedida, asséptica, tolerante, resiliente, em que nos vemos paralisados, crendo estarmos em movimento. Aqui, de onde estamos, aparentemente fora dos muros de uma cegueira branca, não nos vemos nem cegos nem paralisados, sem saber para onde iremos. De um modo ou de outro, estamos impotentes, tateando no escuro social e político aparentemente iluminado, ao passo que lá, estão envoltos em um mar de leite. Talvez seja essa a maior diferença entre o livro e a vida — não a menor.

O campo de concentração, entendido como espacialização de um Estado de Exceção (cf. Agamben, 2015), revela a estrutura do poder que se exerce não de fora para dentro, de modo coercitivo, mas de dentro, de cada um. É um poder que reduz a vida política a uma vida que no máximo poderá ser vivida precariamente. Reduz uma vida a ser experimentada ao modo de cada um, em busca de algum sentido, a uma existência a ser meramente *sobrevivida*. O poder melancoliza para apagar o que poderia ser efetivamente distintivo em cada um, singular, e por isso, com vistas e potência política. A melancolização produzida é o modo de fazer da vida não mais do que vida nua.

A melancolia, pensada com e a partir de Freud (2016), pode ser entendida como uma impossibilidade de fazer o luto de um objeto perdido. A impossibilidade de promover um trabalho psíquico que dê um destino ao que se perdeu. Não de substituí-lo, mas de encontrar algum modo de seguir adiante. Ou seja, a melancolia é a impossibilidade do luto. Na ausência deste, o sujeito se vê fixado a esse objeto que perdeu. Aderido, absorvido por ele, acoplado. Desse augúrio, resta uma inação, uma paralisia, ou a ação violenta. É o modo como os grupos se dividem naquele campo de concentração de cegueira branca. O objeto perdido que os melancolizou, tatuados nos nomes do mal-estar, parece ter sido: seus ideais, seus planos, seus sonhos, suas vidas cotidianas. Algo que um colírio para conjuntivite tentava ainda manter seguro pelo fio de cabelo.

Daí advêm os tiranos. A princípio, os cegos da camarata inimiga do grupo da mulher do médico confiscaram a comida e exigiram todos os bens materiais que ainda estavam sob a posse dos outros. Posteriormente, na ausência de valiosas

utilidades (tornadas inúteis), exigiram que as mulheres se prostituíssem em troca de alimento para as suas camaratas, sendo este «o procedimento criminoso dos cegos opressores, que preferem deixar que se estraguem a comida a dá-la a quem dela tão precisado está» (Saramago, 2008: 160). Na primeira sessão de estupro às mulheres que pertenciam à camarata da mulher do médico, as vítimas são abusadas por vários homens, agredidas fisicamente e, uma delas, a mulher das insônias, não resistiu. O seu corpo sem vida foi levado de volta à camarata e lavado pelas outras mulheres — cenas contrastantes que evidenciam como as mulheres, neste romance e na prosa de Saramago em geral, são detentoras de princípios de alteridade, solidariedade e construção coletiva que escapam aos indivíduos homens. Brevemente, vale dizer que tanto no *Memorial do convento* (1982), via personagem Blimunda, quanto no *Ensaio sobre a cegueira*, é a mulher que assume a tarefa de ver — seja para revisitar o passado com os olhos da contemporaneidade, seja para fazer-nos compreender a necessidade de instalação de uma nova ordem. Narrativas, portanto, que desafiam a hegemonia patriarcal, desde o *locus* de sua construção artística, nos domínios da linguagem (Carreira, 2002).

No segundo dia de estupro, após a experiência de violação e luto, a mulher do médico apresenta-se munida de uma tesoura, com a qual mata o líder dos cegos opressores. Após o homicídio, a mulher do médico se lança como a protetora dos cegos explorados pelo grupo dominador, destituindo o autoritarismo ali ensejado:

> Lembrem-se de que eu no outro dia disse, que não me esqueceria da cara dele, e daqui em diante pensem no que vos digo agora, que também não me esquecerei das vossas. […] Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei, e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerá de fome, a partir de hoje acabou-se a comida, nem que venham cá todas oferecer numa bandeja os três buracos com que nasceram, Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponham um pé fora desta porta. (Saramago, 2008: 187-188)

A mulher não vê uma alternativa além da retaliação pela violência — «matei, e tornarei a matar» —, assumindo o lugar de justiceira naquela prisão. Não estando privada de ver, talvez seja essa a mais desassossegada dentre os que experimentam tal contexto infernal, em que matar é condição para sobreviver. Marieta Madeira, ao falar sobre as «mulheres, videntes» de Saramago, conclui assertivamente sobre tal personagem:

> Assim, é a mulher do médico que mantém, para o leitor e na própria cena caótica e desesperadora do manicômio, a tênue linha que nos sustenta, que nos mantém conectados à narrativa sem cegarmos também, nós mes-

> mos olhando o caos através dos olhos dela. Não sem muita angústia. (Madeira, 2016)

A narrativa segue com angústia. O mal-estar coletivo não se restringe ao espaço do manicômio: quando o grupo de sete pessoas, liderado pela protagonista, é libertado, «a mulher do médico anunciou em altas vozes que estavam livres» (Saramago, 2008: 210). É pelos olhos dela que acessamos uma cidade em estado de barbárie — suja, saqueada, erma e em desordem. O mal-estar, então, somos nós?

Em meio à aura apocalíptica que se instaura no *Ensaio sobre a cegueira*, o grupo da mulher do médico não encontra outra solução para sobreviver, a não ser a de continuar unido: «Vem comigo, vem para nossa casa, E eles, O que vale para ti vale para eles, mas é sobretudo a ti que eu quero, Porquê, Eu própria me pergunto porquê, talvez porque te tenhas tornado como minha irmã» (Saramago, 2008: 242). Embora a mulher do médico tenha seu nome associado à profissão do marido, ela se sobressai ao estigma de esposa. A alcunha (que remete ao ofício alheio) soa irônica, pois a especialidade do marido médico — oftalmologista — pouco agrega no contexto de uma cegueira pandêmica de que não se sabe a causa, sobretudo se o médico também está cego. Concordamos com Tereza Cristina Cerdeira da Silva (2000) quanto ao fato de a opção pelo feminino apontar, em José Saramago, para um sentido mais radical do processo revolucionário, lá onde a questão ideológica ou política é ultrapassada para se rasurar um modelo cultural de raízes patriarcais. A pesquisadora brasileira já em outra oportunidade, tratando de distintos romances, complementa:

> Mesmo onde menos se esperaria o fulgor de uma presença feminina — refiro-me muito especialmente ao romance *Levantado do chão* —, essa épica campesina sobre a luta ancestral pelos direitos do trabalhador do campo, até o seu último romance — *Caim* — que evoca mais uma vez o enfrentamento entre o homem e Deus, numa fábula nada ortodoxa sobre a origem da criação, há sempre uma mulher a apontar caminhos novos, a desinstalar preconceitos, a inaugurar liberdades. (Cerdeira da Silva, 2014: 224)

Unidos com o propósito de resistir, de «inaugurar liberdades», o grupo principal da narrativa desenvolve uma ética de sobrevivência que permite a tessitura de um romance polifônico, nos moldes da teoria ensejada por Mikhail Bakhtin e revelada em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018). Com o crítico russo, entendemos polifonia como a multiplicidade de vozes e de consciências autônomas da obra que convergem para sua estruturação enquanto produto ético-estético. Cabe ressalvar que as personagens de um romance polifônico não são fechadas em si mesmas, tampouco são meras reproduções do pensamento do autor. Para Bakhtin, no romance polifônico:

> a personagem se torna relativamente livre e independente, pois tudo aquilo que no plano do autor a tornará definida, por assim dizer, sentenciada, aquilo que a qualificara de uma vez por todas como a imagem acabada da realidade, tudo isso passa agora a funcionar não como forma que conclui a personagem, mas como material de sua autoconsciência. (Bakhtin, 2018: 58)

Retornando às páginas saramaguianas, verificamos que a mulher do médico adquire autonomia plena quando se consolida como a única que pode ver o que acontece ao seu redor, ao passo que as demais personagens se fecham nos limites do tato, do olfato e da audição, com consciências entorpecidas pelo contágio. É graças à protagonista que o narrador, em terceira pessoa, circula pelos corredores e camaratas, pelas ruas ermas e supermercados saqueados, igrejas e propriedades abandonadas. Pelos olhos intactos da mulher do médico, o narrador — um arranjador no romance polifônico — tece comentários, avalia, filosofa sobre a vida daqueles que não podem se ver, nem ver a mulher do médico que os assiste.

O narrador se deixa (e nós também nos deixamos) conduzir, como a rapariga de óculos escuros, o primeiro cego, o menino estrábico e os demais do grupo, pela voz da mulher insurgida como liderança narrativa, mas também política naquele contexto social novo e emergencial. Sua autoconsciência ganha larga dimensão no romance desde o primeiro momento em que ela se apercebe vidente num mundo cego:

> pela primeira vez, desde que aqui entrara, a mulher do médico sentiu-se como se estivesse por trás de um microscópio a observar o comportamento de uns seres que não podiam nem sequer suspeitar sua presença, e isto pareceu-lhe subitamente indigno, obsceno, Não tenho direito de olhar se os outros não me podem olhar a mim, pensou. (Saramago, 2008: 7)

Conquanto o restante do grupo dependa de seus olhos, ela precisa suportar as visões infernais que eles lhe trazem: à medida que o tempo passa, o horror banaliza-se e a mulher do médico confessa que «Cada vez irei vendo menos, mesmo que não perca a vista tornar-me-ei mais e mais cega a cada dia porque não terei quem me veja» (Saramago, 2008: 302). Nesse sentido, acompanhamos duas urgências suscitadas pelo mesmo fenômeno (a epidemia de cegueira branca). De um lado, a urgência coletiva, que se verifica na desesperada tentativa de sobrevivência dos cegos, diante de um tempo-espaço em que os princípios civilizatórios e a ordem social estão rompidos, desencadeando-se o inferno da convivência em conjunto. De outro lado, a necessidade particular, da mulher do médico, de resistir às visões aterradoras que somente a ela se apresentam, e de assumir, sozinha, a condução de um grupo — senão de uma humanidade — à deriva. Entre sentidos individuais e gerais, inscreve-se esse ensaio saramaguiano sobre a condição humana de viver com o outro.

O jogo de abrir espaço no inferno dos outros (que somos nós) revelou-se prodigioso na obra de outro escritor português singular, Fernando Pessoa. Neste estudo, acionamos especificamente a produção de Pessoa registrada em prosa no *Livro do desassossego*, publicado somente nos anos 1980, mais de quatro décadas, portanto, após o falecimento do autor. Tendo por objetivo estrito discutir as noções/experiências de desassossego e mal-estar no romance saramaguiano, não nos ateremos a uma discussão específica sobre a composição, a autoria e o processo editorial do múltiplo *Livro do desassossego* de Pessoa e seus semi-heterônimos. Estamos ancorados, é certo, no pensamento de Jerónimo Pizarro, incontornável crítico pessoano que organiza uma das edições do *Livro do desassossego* por nós utilizadas:

> Há constatações que apenas uma edição crítica pode viabilizar e hoje, retrospectivamente, parece-me que a mais importante da edição crítica do *Livro do Desasocego* (2010) foi a de corroborar que o *Livro* foi pelo menos dois livros e que, consequentemente, cada um deles podia e devia ser descrito em separado. (Pizarro, 2019: s/p)

Tomamos tal *Livro* como pelo menos «dois livros», o que, algumas vezes, provocou na crítica a preferência pelo termo no plural: *Livro(s) do desassossego*, como o faz Teresa Rita Lopes, na edição que organiza (2015). Com vistas a enfatizar o caráter múltiplo e inacabado do *desassossego*, optamos por usar, concomitantemente, duas edições mais recentes do *Livro* (Rita Lopes, Global, 2015 e Pizarro, Tinta-da-China, 2013). Com este conjunto pessoano amplo, almejamos que melhor se verifiquem as noções de polifonia e alteridade, fundantes para nossa reflexão sobre eu-outro na vida em civilização, nas situações urgentes que nela se apresentam e nas composições literárias responsivas ao mal-estar deflagrado.

No caso de uma obra como essa, em que a alteridade está problematizada desde a autoria, a relação eu-outro insurge-se como mote central da escrita. Alguns fragmentos do *Livro* (se ele é exatamente um conjunto fragmentário e inacabado) orientam-nos na compreensão da multiplicidade, que reverbera em forma polifônica, e do mal-estar desdobrado literariamente em desassossego. Um trecho da primeira parte da obra, conforme arranjo editorial de Pizarro, serve para desencadear esse ponto de nossa discussão: «Minha alma é uma orchestra oculta; não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como symphonia» (Pessoa, 2013: 41). Ora, o trecho, apesar de curto, suscita amplas reflexões sobre os instrumentos, as vozes que soam dentro do eu — nesse caso, do eu que conta. O eu, seja ele Fernando Pessoa, Bernardo Soares ou Vicente Guedes, só o é sendo eles todos e talvez mais, na medida em que somente existe como «sinfonia» — conjunto de sons, coletivo de instrumentos. Estamos a um passo da teorização sobre polifonia — no romance — de Mikhail Bakhtin.

Em *Estética da criação verbal*, o pensador russo, ao tecer considerações a respeito da imagem estética do indivíduo, sugere que só o outro pode ter uma visão externa potencialmente acabada de nós:

> Pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética e absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria […]. (Bakhtin, 2011: 33)

O outro, então, desponta como condição fundamental para o ativismo do eu. Essa vinculação estética (e, acrescentamos, ética) absoluta entre eu e outro compõe a definição de alteridade. No entanto, a alteridade encontra-se profundamente ameaçada por situações de crise coletiva que desmontam a estrutura social vigente e suscitam a supremacia do indivíduo na corrida pela sobrevivência.

Retomando a narrativa saramaguiana, observamos que a protagonista e seu grupo se convertem em um único corpo de subsistência e afetividade, saindo às ruas de mãos dadas para não se perderem de si, guiados pela mulher. Contagiados pela proximidade uns dos outros, sobrevivem, agora, graças à junção e solidariedade dos corpos. Como um corpo coletivo, a família reconfigurada desenvolve discurso politonal, que não se submete à fala da que lidera, mas, aliado a ela, compõe o coro daqueles que querem sobreviver:

> Os grupos que por aí existem devem ter chefes, alguém que mande e organize, lembrou o primeiro cego, Talvez, mas neste caso tão cegos estão os que mandem como os que forem mandados, Tu não estás cegas, disse a rapariga dos óculos escuros, por isso tens sido a quem manda e organiza, Não mando, organizo o que posso, sou, unicamente, os olhos que vocês deixaram de ter, Uma espécie de chefe natural, um rei com olhos numa terra de cego, disse o velho da venda preta, Se assim é, então deixem se guiar pelos meus olhos enquanto eles durarem. (Saramago, 2008: 245)

Mikhail Bakhtin (2018) afirma que do autor do romance polifônico espera-se uma atividade dialógica imensa e sumamente tensa, pois, tão logo se apaga o dialogismo, os heróis na narrativa começam a imobilizar-se e a objetificar-se. José Saramago, no *Ensaio sobre a cegueira,* assume uma posição ativa na polifonia romanesca, incorpora a condição de organizador das vozes, já que ele «rege vozes que ele cria ou recria, mas deixam que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro» (Bezerra, 2005: 194). O discurso autônomo formado pelo grupo da mulher do médico não significa a voz do autor, mas sim resulta do conjunto de consciências que operam na criação de uma nova organização social — se aquela antes vigente se esfacelou. A polifonia, então, advém pelo ímpeto de so-

brevivência das personagens capazes de atuar em um plano ético e coletivamente responsável, em oposição ao grupo autoritário de cegos que, ainda pautados por dimensões e paradigmas do mundo pré-cegueira explícita e generalizada, propunham uma organização coletiva determinada pela dominação, acumulação e violência.

A enfermidade foi embora da mesma forma que chegou, como um contágio reverso que vai curando os que primeiramente foram vitimados, colorindo suas visões. O mal, porém, já foi descortinado — em processo de tomada de consciência que lembra a dos espectadores da tragédia ática, tomados pela catarse (conforme acepção de Aristóteles evocada por Bakhtin no *Freudismo*, 2017). Entre o mundo ensaiado por Saramago e o mundo em que nós ensaiamos modos de existir, erige uma discussão estética (porque romanesca), mas política (porque social). O Estado exige dos indivíduos altas cotas de renúncias e restrições. Impõe limites, impede que seus cidadãos sejam injustos, imorais, violentos, coíbe mentiras e excessos (Freud, 2020). O Estado exige dos indivíduos o máximo de obediência e sacrifício. Com isso tenta afirmar que o fundamento moral é um de seus pilares de sustentação (Freud, 2020). Entretanto, o que Freud nos mostra é que essa base moral do Estado, da Sociedade, da Cultura, é tão frágil que se desmancha no ar. A consciência moral, imaginada como um bem idealizado, não é inflexível nem sólida. Ela é efeito e construção do medo social. A origem da consciência moral não repousa em algum valor superior, sua origem é menos nobre: filha do medo social.

Quando o Estado suprime as regras dentro do manicômio branco, instaurando a anarquia muito bem explanada pela expressão popular «salve-se quem puder», esfacela-se o acordo performático que mantinha as relações sociais dentro de algum parâmetro de convivência possível. Evidencia-se, portanto, que aquilo que sustentava uma civilidade não era essência do humano. O que mantinha cada um como civilizado, educado pela cultura, ao escorrer pelo ralo não é sintoma de um transtorno, nem desvio, é antes o desabamento de uma casa feita de palha susceptível de desmanchar com um sopro mais forte. O mal-estar não incide onde havia moral ou consciência — ele é seu morador original, não está no manicômio ou relegado aos espaços de exclusão. Ele já estava lá na cegueira anterior ao mar de leite. O *Ensaio sobre a cegueira* é a fotografia do mal-estar freudiano, dando a ver a nossa cegueira (de leitores, de habitantes do mundo extraliterário).

Os bens agregados com a educação e o processo civilizatório não apagam as exigências pulsionais que só têm como meta a sua própria satisfação, ou apaziguamento (Freud, 2020). Uma vez que a sociedade exige renúncias pulsionais, não seria excessivo compreender que tais exigências da pulsão receberam representações distintas do mal. A Cultura, a civilização, a educação, eliminariam o mal em nome do Bem comum. A tentativa é essa. Entretanto, esse mal não pode ser extirpado, posto ser ele o mais próximo do que chamaríamos de *constitutivo*. Não é um desvio. Insistimos:

> Na realidade, não existe nenhuma «extirpação» do mal. A investigação psicológica – em sentido mais estrito, a psicanalítica — mostra, pelo contrário, que a essência mais profunda do ser humano consiste em moções pulsionais que, de natureza elementar, são da mesma espécie em todos os seres humanos e têm por meta a satisfação de certas necessidades originárias. Essas moções pulsionais não são em si nem boas nem más. (Freud, 2020: 107)

O mal está em nós. Pronto para se manifestar se as condições externas lhe forem favoráveis. Isso não implica dizer que o sujeito, em Freud, é bom ou mau. Para o psicanalista, ninguém é totalmente bom nem totalmente mau. As pulsões não são, em si, nem boas nem más. Elas querem se satisfazer, buscam o apaziguamento. Portanto, a meta de cada pulsão, é, neste sentido, egoísta, quer ser apaziguada, pelo caminho que for. Justamente por isso as configurações do contexto histórico, social, político, enfim, externo, serão determinantes. Tais configurações do ambiente fornecerão as condições plásticas para que as pulsões alcancem sua meta.

No(s) *Livro(s) do desassossego*, Bernardo Soares diz que «Tudo que sabemos é uma impressão nossa […]» (Pessoa, 2015: 259). Nos contextos urgentes, incipientemente explicados pela ciência, sem resolução imediata pelas autoridades políticas e sanitárias, deparamos com a constatação de que o saber humano, muitas vezes, reduz-se à impressão. Avulta, neste ponto, crítica pessoana ao modo como a sociedade prosificada pensa, produz, relaciona-se: «como nunca podemos conhecer todos os elementos d'uma questão, nunca a podemos resolver» (Pessoa, 2013: 188). Diante do insolúvel: desassossego. O desassossego advindo do desconhecido tem uma dimensão existencial, filosófica, mas sua repercussão se espraia pelos campos político, econômico, ético.

A arte, que não se furta de também experimentar o desassossego, pensa. É por isso que encontramos rasgos contundentes sobre o sentido artístico, em meio ao mal-estar, no livro de Saramago: «Mesmo numa situação como esta, angustiado, tendo pela frente uma noite de ansiedade, ainda foi capaz de recordar o que Homero escreveu na *Ilíada*, poema de morte e do sofrimento, mais do que todos» (Saramago, 2008: 36). O médico lembrou-se da literatura, dos narradores que o formaram enquanto sujeito. As palavras que ficaram em sua mente não puderam ser apagadas, esbranquiçadas pela cegueira que o acometia.

A melancolia nasce e permanece nas consciências de personagens que figuram pessoas como nós. Os cegos do romance revelam uma certa face sôfrega que conhecemos de um dos fragmentos mais célebres do *Livro do desassossego* (em sua primeira parte): «era difficil definir que espécie de soffrimento esse ar indicava — parecia indicar varios, privações, angustias, e aquelle soffrimento que nasce da indifferença que provem de ter soffrido muito» (Pessoa, 2013: 34). Habituar-se a realidades infernais não implica, é certo, superá-las.

Cansado estava também Bernardo Soares, tido como autor principal da prosa pessoana. Desassossegado da vida que, por estar sendo, é só gerúndio: «o que tenho sobretudo é cansaço, e aquele desassossego que é gémeo do cansaço quando este não tem outra razão de ser senão o estar sendo» (Pessoa, 2015: 382). Atando essas sensações exploradas no *Livro* ao que se apresenta no romance saramaguiano, observamos que os cegos em quarentena, antes de saberem que já não havia mais guardas ou sentinelas, estavam exaustos das inúmeras tentativas de seguir vivendo, das incipientes formas de organização conjunta, da necessidade de vislumbrar futuros quando não há mais visão e menos ainda visões de mundo. Sonhar futuro em meio do caos desassossega: «matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso» (Pessoa, 2013: 60). As contrições erigidas das situações-limite embotam a visão de porvir e inibem o sonho, ficamos lançados numa «cela infinita», no sentido do termo revelado no fragmento 191 (2015) do(s) *Livro(s) do desassossego:*

> […] O aborrecimento, o mal-estante, o cansado sentem-se presos numa cela estreita. O desgostoso da estreiteza da vida sente-se algemado numa cela grande. Mas o que tem tédio sente-se preso em liberdade fruste numa cela infinita (Pessoa, 2015: 395).

A impressão de que «o caos é tudo» impregna a narrativa saramaguiana. De repente, aquelas *personas* têm suas vidas profundamente alteradas e, com isso, a noção/experiência de liberdade se esvai. Estão presos a tal estado e a impotência ou inexistência do sonho compromete o presente e o porvir. A condição de desassossego no(s) *Livros(s)* de Fernando Pessoa sintetiza-se por uma longa, inacabada e fragmentária busca pelo sentido (filosófico, prático e poético) da vida e do ser/estar vivo. Isolados, Bernardo Soares ou Vicente Guedes, permitem-nos inferir que o inferno está no outro, mas também no eu, se a solidão não lhes confere propriamente sossego.

Estar livres do cárcere, do manicômio de cegos, não devolvia a liberdade àquele grupo do romance, pois ainda estavam cegos, enclausurados na cegueira que destroçara o mundo. Conclusão mais acertada sobre o mal-estar experimentado por aquelas pessoas parece-nos ser esta, da mulher do médico: «Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem» (Saramago, 2008: 310).

Uma sociedade patriarcal, machista, racista, heteronormativa, por exemplo, oferecerá tais vias para a economia pulsional se desdobrar. Uma reconfiguração de tais condições e vias redefinirá os modos de apaziguamento da pulsão. Está em questão uma remodelação da economia das pulsões. O manicômio da cegueira branca constitui exemplo de como um campo de concentração define parâmetros

dessa reconfiguração pulsional: «Portanto, mesmo a reconfiguração da pulsão, na qual se baseia a nossa aptidão para a cultura, pode retroceder — de maneira permanente ou transitória — por meio das influências da vida» (Freud, 2020: 114).

Um grupo exerce um poder de coerção que compõe um universo de possibilidades. Isolados no manicômio, fora dos macro parâmetros da Cultura, poderiam recompor de diferentes maneiras os modos de funcionamento destes mesmos grupos. A gramática a ser produzida por cada grupo definirá o modo de reconfiguração possível das pulsões. Ter armas e decidir como usá-las; poder matar e saber o que fazer com isso; recorrer ou não ao discurso, ou a qual tipo de discursividade, e seus respectivos usos, definem um tratamento numa direção ou noutra. O problema, portanto, é ético, não deontológico. Não é prescritivo, posto que o fundamento do próprio mal-estar está em desarticular protocolos de conduta. Pensar a mulher do médico, por exemplo, não implica uma questão de exemplo, mas uma questão ética, na medida em que ela aponta para um modo de lidar com as escolhas e com o mal-estar estando igualmente marcada pelo desassossego — não livre deles. O fundamental na mulher do médico não está no que ela teria a mais do que os outros, mas no que ela faz estando igualmente concernida pelo mal-estar freudiano e pelo desassossego pessoano.

Se, por fim, estamos todos cegos, pouco cientes do para que viemos ao mundo, prosas como as de Pessoa e Saramago impelem-nos ao enfrentamento de nós mesmos, nas dimensões individual e coletiva — daí nossa investida teórica com Freud e Bakhtin. Ainda outra mulher do romance, a rapariga dos óculos escuros, adverte que «dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos» (Saramago, 2008: 262). A «coisa que somos», sob a perspectiva polifônica, tão evidente no *Ensaio sobre a cegueira*, apenas se define pelo coro múltiplo de vozes e consciências que integram a vida social. O eu não possui fronteiras permanentes, tampouco a história humana. Porém, dessa leitura, fica a pergunta inquietante: sairemos do manicômio?

O impossível *Livro do desassossego* é um tecido inacabado de vozes múltiplas que fazem ecoar, em sinfonia, o mal-estar na cultura. O *Ensaio sobre a cegueira*, romance que comporta uma memória trágica, rompe com o fado inescapável e convoca à ação coletiva, ação ética capaz de garantir a «humanização da humanidade» (Saramago, 2010: 147). Entre tantos desassossegos, nos livros e na vida, alguns escritores portugueses que viveram para desassossegar (a exemplo de Fernando Pessoa e José Saramago) parecem nos lembrar, neste centenário saramaguiano que, sim, é hora: «alguma coisa vai ter de suceder aqui» (Saramago, 2008: 144).

Referências bibliográficas

Agamben, G. (2015). *Meios sem fim: notas sobre a política*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica.

Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra, 6. ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.

— (2018). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra, 5. ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

— (2017). *O freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra, 2. ª ed. São Paulo: Perspectiva.

Bezerra, P. (2005). «Polifonia». Em Brait, B. (org), *Bakhtin: conceitos-chave*, 2. ª ed. São Paulo: Contexto.

Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Trad. Rogério Bettoni, Belo Horizonte: Autêntica.

Carreira, S. de S. G. (2002). «A representação da mulher em *Memorial do convento* e *Ensaio sobre a cegueira*: ensaio sobre a visão». *Revista Gêneros*, v. 3, n. º 3, p. 35-40.

Cerdeira da Silva, T. C. (2000). *O avesso do bordado: ensaios de literatura*. Lisboa: Caminho.

— (2014). «Poética corporal e erótica verbal: a escrita de José Saramago». *Revista Guavira Letras*, n. º 18, p. 223-242.

Freud, S. (2020). *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

— (2016). «Luto e melancolia». Em Freud, S. *Neurose, psicose, perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.

Madeira, M. (2016). «Mulheres, videntes». *Correio APPOA*, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n.º 262, visto em 20 outubro de 2020, <http://www.appoa.com.br/correio/edicao/262/mulheres_videntes/394>

Medeiros, A. C.; Costa e Silva, F.; Almeida, L. T. G. «Mal-estar e desassossego no ensaio sobre a cegueira: prosa polifônica entre Pessoa e Saramago». *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. º 1, p. 452-469, jan.-jun. 2021, visto em 20 abril de 2022, <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/39454/24173>

Pessoa, F. (2013). *Livro do desassossego.* Jerónimo Pizarro (org). Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil.

— (2015). *Livro(s) do desassossego.* Teresa Rita Lopes (org), São Paulo: Global.

Pizarro, J. (2019). «Le inquietudini di Fernando Pessoa/Os desassossegos de Pessoa», *Sarapegbe,* Revista di cultura e società del Brasile e altri mosaici, A. VIII, n. º 16, visto em 05 abril de 2020, <http://www.sarapegbe.net/articolo.php?quale=220&tabella=articoli>

Saramago, J. (2008). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras.

— (2010). *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas.* Fernando Gómez Aguilera (org). São Paulo: Companhia das Letras.

Biodata

Ana Clara Magalhães de Medeiros é professora de Estudos Literários na Faculdade de Letras (FALE) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Brasil). Bolsista Produtividade em Pesquisa/PQ-2, desenvolve pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa e Poéticas do Desassossego. Atua nos Grupos de Pesquisa: Poéticas Interartes (UFAL/DGP-CNPQ) e Crítica Polifônica: Poéticas da Tanatografia (UnB/DGP-CNPq). Coordena o Projeto de Pesquisa «Crítica literária polifônica: formação do Desassossego luso-brasileiro».

Cleyton Andrade é Psicanalista, Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL, Brasil); Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, da Associação Mundial de Psicanálise, da Sociedade Internacional de Psicanálise e Filosofia (SIPP); autor do livro *Lacan chinês: poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise*, primeiro lugar no Prêmio Jabuti em 2016 na categoria Psicologia, Psicanálise e Comportamento.

Maria de Fátima Costa e Silva é Doutoranda e Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (FALE-UFAL), com ênfase em Romance Contemporâneo de Língua Portuguesa. Graduada em Letras-português (2018) pela Universidade Federal de Alagoas. É integrante do Projeto de Pesquisa: Crítica literária polifônica: formação do Desassossego luso-brasileiro.

Larissa Tenório Guedes de Almeida é Graduanda do curso de Letras-Português da Faculdade de Letras na Universidade Federal de Alagoas. Atualmente é pesquisadora bolsista em investigação sobre o *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, junto ao Programa Institucional de Iniciação Científica — PIBIC /CNPq. É integrante do Projeto de Pesquisa: Crítica literária polifônica: formação do Desassossego luso-brasileiro.